

Utilização do urucum pelos indígenas Terena do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul: divulgação de saberes tradicionais e científicos

Utilization of urucum by the Terena Indians of Mato Grosso and Mato Grosso do Sul: dissemination of traditional and scientific knowledge

Danilo Delfino Campos¹, Marcelo Franco Leão²

¹Escola Estadual Indígena Terena *Komomoyea Kovo'erro*. Secretaria Estadual de Educação, Terra Indígena Iriri Nova, Matupá, MT, Brasil.

²Departamento de Ensino, Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) Campus Confresa, Av. Vilmar Fernandes, 300, Setor Santa Luzia, Confresa, MT, Brasil.

Resumo

Este estudo teve como objetivo divulgar alguns conhecimentos tradicionais e científicos relacionados à utilização do Urucum pelo povo Terena presente em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Trata-se de um estudo etnográfico, cuja abordagem é qualitativa, foi realizado durante os anos de 2014 e de 2015. Além das observações a campo, com intuito de coletar maiores informações, foram realizadas entrevistas com as pessoas que detêm domínio amplo da cultura. O estudo permitiu constatar características biológicas do urucum, como os aspectos das flores, folhas, sementes e tronco. Foram descritos aspectos como a extração de pigmentos, a alimentação e a medicina tradicional. Também foram descritas as pinturas corporais utilizadas pelos indígenas Terena, bem como a diferença de procedimentos nos dois estados. Foi constatado que algumas aldeias do Mato Grosso do Sul já não têm o costume de usar o urucum na pintura corporal, o que é bastante preocupante. O estudo dessa planta permitiu estabelecer relações entre a cultura e os aspectos científicos que podem ser explorados pelo ensino de ciências, de maneira a possibilitar um diálogo entre esses conhecimentos. Logo, acredita-se que a divulgação desses conhecimentos tradicionais seja importante meio para o fortalecimento da cultura indígena, que pode buscar o conhecimento científico de maneira a não perder sua identidade.

Palavras-chave: Urucum, prática cultural, povo Terena.

Abstract

This study aimed to divulge some traditional and scientific knowledge related to the use of urucum by the Terena people present in Mato Grosso and Mato Grosso do Sul. This is an ethnographic study, whose approach is qualitative, was carried out during the years 2014 and of 2015. In addition to field observations, in order to collect more information, interviews were conducted with people who have a broad cultural domain. The study allowed to verify biological characteristics of urucum, such as aspects of flowers, leaves, seeds and trunk. Aspects such as pigment extraction, feeding and traditional medicine have been described. Also described were the body paintings used by the indigenous Terena, as well as the difference of procedures in the two states. It was found that some villages in Mato Grosso do Sul no longer have the habit of using urucum in body painting, which is very worrying. The study of this plant allowed to establish relations between the culture and the scientific aspects that can be explored by the teaching of sciences, so as to enable a dialogue between these knowledge. Therefore, it is believed that the dissemination of these traditional knowledge is an important means for the strengthening of the indigenous culture, which can seek scientific knowledge in a way that does not lose its identity.

Keywords: Urucum, cultural practice, Terena people.

Introdução

Algumas plantas são muito utilizadas nas manifestações culturais indígenas. Este estudo é referente a uma planta conhecida como urucum, por ser muito comum nas comunidades que fazem parte da cultura do povo Terena. Essa investigação foi motivada pelas discussões promovidas pelo Curso de Licenciatura em Ciências Matemáticas e da Natureza, da Faculdade Intercultural Indígena da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), as quais enfatizavam a relação existente entre os conceitos científicos e os elementos próprios da cultura indígena.

O urucum é amplamente utilizado pelos povos indígenas, e com os Terena não é diferente. A forma com que essa planta é utilizada, em especial seus frutos, é bastante abrangente: seja na medicina tradicional, ou na alimentação em forma de colorau e, principalmente, na pintura corporal dessas comunidades tradicionais. O pigmento contido nos frutos é bem apreciado por ter a cor vermelha, que significa sangue e guerra para essa etnia.

Os pesquisadores Jesus, Lopes e Costa [10], também desenvolveram seus estudos de maneira a envolver os aspectos culturais dos indígenas com os científicos. O elemento cultural relacionado com o ensino de ciências investigado por eles foi a pintura corporal utilizada pelo povo indígena Bakairi. O intuito desses pesquisadores foi inserir na Educação Básica a discussão proposta pela Lei 11.645/08, por meio do ensino de ciências que partisse dos conhecimentos indígenas [4].

De maneira semelhante, o presente estudo se propôs investigar, registrar e divulgar aspectos culturais do povo Terena que possibilitem estabelecer relações com os saberes científicos [5]. Ou seja, a intenção foi partir do contexto indígena como proposta de ensino de ciências na escola formal.

Nesse sentido, surge o problema que norteou a pesquisa: Como relacionar os saberes tradicionais do povo indígena Terena com os saberes científicos de maneira a contribuir com o ensino de ciências naturais para a Educação Básica?

Frente a essa problemática, foi traçado o objetivo geral a saber: Divulgar alguns conhecimentos tradicionais e científicos relacionados a utilização do urucum pelo povo Terena bem como os diferentes procedimentos adotados pelos indígenas de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Foi investigado como essa planta surgiu no meio dos Terena, como descobriram que poderiam extrair o pigmento dessa planta e como utilizam na alimentação, na medicina tradicional e na pintura corporal. Portanto, esse tema é muito importante para que as pessoas conheçam um pouco mais em relação a essa planta e os aspectos culturais dos indígenas dessa etnia.

Para situar os leitores, uma parte dessa pesquisa foi desenvolvida na Terra Indígena Iriri Nova, nas aldeias *Turipuku* e *Kuxonety Poke'ê*, ambas localizadas no Norte de Mato Grosso, especificamente no município de Matupá. Foram realizadas entrevistas com os mais experientes (anciãos) dessas comunidades tradicionais, com o intuito de coletar dados em relação aos procedimentos de plantação,

extração e preparação do pigmento, os tipos de remédios tradicionais que podem ser extraídos dessa planta e qual é o tipo de cura que ela pode fazer nas pessoas, bem como se prepara cada remédio tradicional.

A outra parte da investigação ocorreu no estado de Mato Grosso do Sul, na aldeia Córrego do Meio, localizada no município de Sidrolândia que fica a cerca de 2500 km de distância da aldeia onde atualmente reside o pesquisador indígena desse estudo. Nessa comunidade tradicional, onde atualmente residem aproximadamente 200 (duzentos) famílias, também foram realizadas entrevistas contemplando os mesmos aspectos sobre a utilização do urucum, anteriormente listados.

A intensão de investigar costumes de comunidades tradicionais relativamente distantes geograficamente foi comparar as maneiras com que o urucum é utilizado pelos Terena que residem no Mato Grosso do Sul e os Terena que residem em Mato Grosso. Cabe aqui registrar que esse texto é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso do pesquisador indígena desse estudo [5].

Descrição do Povo Terena

Os Terena de Mato Grosso estão localizados na Terra Indígena Iriri Nova, na aldeia *Turipuku* e aldeia *Kuxonety Poke'ê*, localizada no Norte de Mato Grosso, município de Matupá, que faz divisa com a cidade de Peixoto de Azevedo. A localização dessas comunidades tradicionais está indicada na Figura 1 A.

A aldeia *Turipuku* está localizada a 180 (cento e oitenta) quilômetros do centro da cidade de Matupá. Atualmente moram nessa aldeia 10 (dez) famílias. Por sua vez, a aldeia *Kuxonety Poke'ê* está localizada a 200 (duzentos) quilômetros da sede dessa cidade, onde residem atualmente cerca de 20 (vinte) famílias, o que corresponde a aproximadamente cerca de 70 (setenta) pessoas [11].

Também residem indígenas da etnia Terena no estado de Mato Grosso do Sul, a cerca de 2.500 (dois mil e quinhentos) quilômetros de distância da aldeia onde atualmente reside o pesquisador do estudo. A comunidade tradicional investigada nesse estado foi a aldeia Córrego do Meio, localizada no município de Sidrolândia, distante aproximadamente (80) oitenta quilômetros da capital Campo Grande [11]. Nessa aldeia atualmente residem entorno de 200 (duzentos) famílias. A localização do município de Sidrolândia está indicada na Figura 1 B.

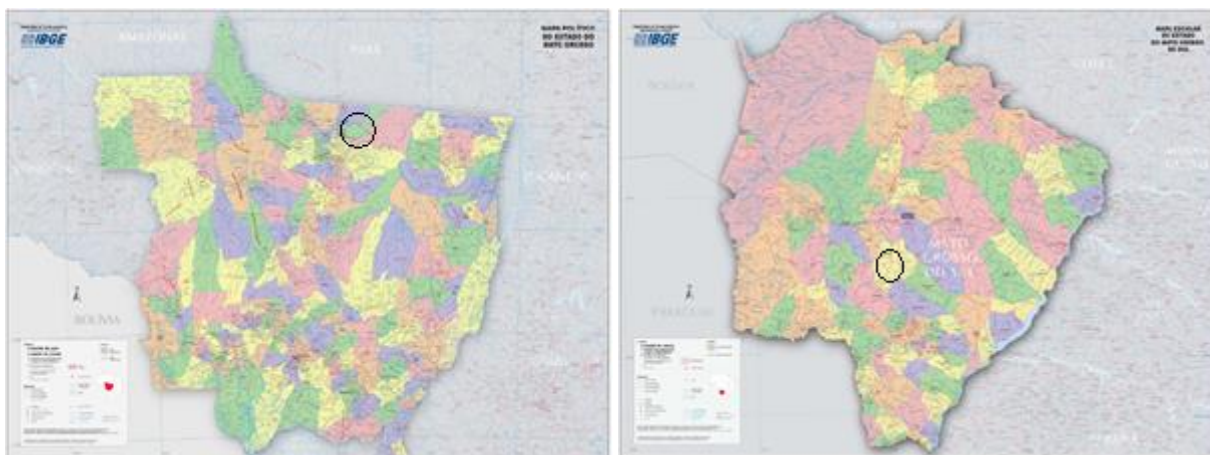


Figura 1: Localização dos municípios de Matupá/MT (A) e Sidrolândia/MS (B).
Fonte: <<https://ww2.ibge.gov.br/vamoscontar2010/mapas.htm>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

Segundo Bittencourt e Ladeira [3], a trajetória do povo indígena Terena de Mato Grosso trouxe muitas reflexões para todos os trabalhos acadêmicos. Por meio de sua miscigenação, essa nação indígena, por meio de sua luta por espaço físico, político e organizacional encontra forças para lutar em favor de seu povo em busca da terra, não porque significativamente passa a ser mais que um espaço físico, mas também um espaço simbólico na representação para os povos indígenas. Os Terena, por exemplo, consideram como mãe, a Terra. Com um olhar além do horizonte, de onde vem todo o sustento das famílias e também onde ficaram os antepassados na memória viva.

Dentro desse contexto, o povo indígena Terena, foi considerado um povo nômade no Brasil, desde o século XV. Esse fato contribuiu para que essa cultura deixasse um legado para que outros grupos indígenas dessa mesma nação pudessem também fazer suas expropriações, quando se sentirem ameaçados por outros povos ou mesmo invadidos em suas privacidades tradicionais [12]. Foi exatamente o que aconteceu com um dos últimos grupos dessa etnia, que se expropriaram de suas terras tradicionais, saindo de Mato Grosso do Sul e migrando para o Estado de Mato Grosso, em busca de novas conquistas e abrigo para suas famílias.

A nação indígena Terena saiu no século XV sai do Chaco Paraguai, acompanhando alguns outros povos como o Guaná, Guaicuru, Guató e outros. O grupo do povo Terena, após a travessia do rio Paraguai, ficou na Serra de Maracaju e Serra da Bodoquena, que hoje pertence ao estado de Mato Grosso do Sul, onde tem a sua maior concentração. Essa etnia, tem por hábito expropriar-se de um lugar para outro, quando se sente ameaçados por outros povos [3].

Em 1982, começa toda uma peregrinação, passando por alguns municípios no sul do estado de Mato Grosso, onde ficaram algumas décadas para resolução dos seus problemas. Isso trouxe algumas consequências não só para o estado, mas também para a nação Terena de Mato Grosso, que passaram a

ser considerados como índios sem-terra, que somente anos mais tarde teve o reconhecimento como povo indígena Terena de Mato Grosso [3].

Após alguns anos de luta e sem possuir terras, apesar de indígenas, o povo Terena de Mato Grosso começou a miscigenar com outros grupos indígenas, até mesmo com não indígenas. O povo indígena Bororo, da região de Rondonópolis, foi um dos que mais sofreram com essa miscigenação, até partirem para uma luta mais intensa, o enfrentamento com governo federal e junto à sociedade geral para alcançar seus objetivos que era conquistar sua própria terra nesse estado [12, 3].

Segundo as autoras supracitadas, com os Terena de Mato Grosso não foi diferente, pois estavam se sentindo pressionados por superpopulação em seu território de origem, na Aldeia Indígena Buriti, municípios de Sidrolândia e Dois Irmãos do Buriti. Por esse motivo, saiu em busca de proteção, Hélio Turi Rondon, com sua família, saem à procura de nova morada, rumo ao Estado de Mato Grosso, passando pelos municípios de Rondonópolis, Guiratinga, Peixoto de Azevedo e Matupá.

A luta desse grupo ficou marcada no âmbito nacional, pela coragem de intenso embate e enfrentamento com o governo federal, através da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e também com o fechamento de estradas nas BR 163 e 364. Esse fato quebrou paradigmas antropológicos, uma vez que a maioria dos estudos dos antropólogos dizem que o povo Terena são índios pacíficos [12].

Caracterização do urucum

O nome do urucum na língua Terena é *nyié*. Segundo Jesus, Lopes e Costa [10], o nome científico dessa planta é *Bixa orellana* L. O urucuzeiro é uma planta de porte arbustivo, de ciclo perene e cuja altura pode chegar a atingir até 5 metros. O seu caule é ereto, ramificado e forma uma copa arredondada [6].

Esse arbusto é considerado como planta nativa, encontrada em diversas regiões do Brasil, assim como em outros países de clima tropical [1]. O urucuzeiro é nativo da América tropical, cujas dimensões podem chegar a atingir entre dois a seis metros de altura. Os pés de urucum podem ser observados na Figura 2.

Conforme já mencionado, o urucuzeiro é uma planta característica das regiões de clima tropical, que botanicamente pertencem à divisão *Magnoliophyta*, conhecida como angiospermas que podem alcançar diversos tamanhos e apresentam flores e frutos característicos [10].



Figura 2: Aspectos do arbusto urucuzeiro.

Fonte: <www.florestaaguadonorte.com.br/frutas-de-indiginas/urucu/> Acesso em: 22 fev. 2018.

Essa planta apresenta grandes folhas de cor verde-claro e flores rosadas com muitos estames. Segundo Alves [1], suas folhas são caducas, ou seja, caem periodicamente após o período de colheita. São simples, pecioladas, membranáceas, glabras e com dimensões entre 8 a 11 cm de comprimento, conforme representado na Figura 5.



Figura 3: Aspectos das folhas do arbusto.

Fonte: Jesus, Lopes e Costa [10] (p. 4).

A principal época da floração dessa planta é entre os meses de março e abril. As flores do urucum são hermafroditas e apresentam uma cor azul róseo, são constituídas por cinco pétalas e desabrocham nas extremidades dos galhos, o que forma os fascículos dos quais nascem os frutos [1]. Suas flores são pequenas, de cor branca roxeada como podemos observar na Figura 4.

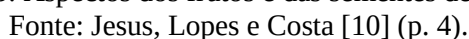


Figura 4: Flor de urucum

Fonte: <<https://mariadario.files.wordpress.com/2013/09/flor-do-urucum.jpg>> Acesso em: 22 fev. 2018.

O fruto do urucuzeiro é uma cápsula ovoide (cachopa) com dois ou três carpelos coberta de espinhos moles e dentro dela tem uma membrana fina que protege suas sementes [1]. Essas cápsulas são cobertas por espinhos maleáveis e se tornam vermelhas quando ficam maduras. O seu interior é constituído por sessenta sementes que, quando maduras, também têm a coloração vermelha. Estas características podem ser visualizadas na Figura 5.

As sementes são colhidas entre os meses de maio e junho [13]. Como pode ser observado na Figura 5, os frutos contêm muitas sementes duras e cobertas por arilo. Suas sementes apresentam uma espécie de cobertura carnosa (película externa), a qual contém uma substância vermelha denominada bixina [10].



19

Consta nos estudos de Filgueiras e Peixoto [8] sobre a flora e a vegetação no Brasil que os primeiros registros escritos sobre essa planta foram encontrados na Carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal em 1500. Conforme a transcrição dos autores, o urucum recebeu a seguinte descrição: “[...] uns ouriços verdes, de árvores que, na cor, queriam parecer de castanheiros, embora mais e mais pequenos, e eram cheios duns grãos vermelhos pequenos, que, esmagados entre os dedos, faziam tintura vermelha, de que eles andavam tintos. E quanto mais se molhavam, tanto mais vermelhos ficavam” [8] (p. 267).

O corante avermelhado do urucum ainda é utilizado pelos indígenas, tanto na aplicação medicinal quanto na ornamentação e proteção contra insetos, em forma de pintura sobre a pele. Esse corante que se localiza na fina camada do arilo da semente é conhecido como colorau ou colorífico, sendo muito utilizado na culinária para realçar a cor dos alimentos, embora não possua aroma nem sabor característico [6].

Uma das práticas mais recorrentes entre os povos tradicionais é a pintura dos corpos para danças, ritos, guerra, festas e demais momentos especiais. Essa pintura ocorre a partir da obtenção dos pigmentos naturais que envolvem a extração de substâncias coloridas geralmente presentes em determinados tipos de plantas, a exemplo do urucum e do jenipapo [10].

Conforme relata Pinto [13], as pinturas corporais com urucum são feitas desde tempos muito remotos pelos indígenas que habitavam do México até o Paraguai, incluído América Central e Antilhas. Cabe aqui ressaltar que o mesmo corante utilizado na pintura corporal serve também para enfeitar os artesanatos

A seguir serão apresentadas algumas formas de utilização do urucum na cultura ocidental do não indígena: Na culinária, o urucum é utilizado como condimento e também como corante. Emprega-se sob a forma de pó, obtido por trituração das sementes, usualmente, misturadas a certo teor de outros grãos também triturados, devido ao arilo que envolve as sementes, que fornece matéria corante vermelha, característica das sementes. É apreciado pela quase ausência de sabor e por não apresentar os efeitos prejudiciais dos corantes artificiais [7].

Na cosmética, empregam-no os ameríndios no preparo de tinturas para pintar o corpo, com a finalidade de proteção contra o rigor do sol (confere proteção contra radiação ultravioleta). O urucum também é utilizado pelo não indígena nos bronzeadores corporais. Na medicina, é usado como medicamento fitoterápico. É bem dotado de inúmeras características e propriedades bioquímicas, que lhe dão aplicação em vasta gama de casos [7].

Materiais e Métodos

Este estudo caracteriza-se como etnográfico, cuja abordagem é qualitativa. Segundo Godoy [9] (p. 58), pesquisa qualitativa é aquela que envolve “dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo”.

A pesquisa etnográfica, por sua vez, é um pesquisa social que investiga uma cultura pela observação direta e por um bom período de tempo, sendo assim possível compreender as formas costumeiras de viver de um determinado grupo de pessoas [2]. Cabe ressaltar que um dos pesquisadores é indígena e integrante do povo Terena de Mato Grosso e possui familiares residentes em Mato Grosso do Sul, o que viabilizou a realização do estudo.

A pesquisa envolveu as comunidades Terena de dois estados brasileiros: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. A investigação ocorreu na Terra Indígena Terena, nas aldeias *Turipuku* e *Kuxonety Poke'ê*, localizadas no município de Matupá-MT, e na Aldeia Córrego de Meio, localizada no município de Sidrolândia-MS, no decorrer dos anos 2014 e 2015.

Para coletar dados, foram realizadas quatro entrevistas, sendo duas pessoas importantes de cada estado. As entrevistas ocorriam em momentos agendados, conforme a disponibilidade dos participantes. Após um momento informal para que os entrevistados ficassem mais à vontade, eram realizadas as perguntas pausadamente, uma a uma, de forma a ser possível para o pesquisador anotar as respostas fornecidas em seu diário de bordo. Isso ocorreu devido ao fato dos participantes não terem autorizado a gravação em áudio. Todas as entrevistas foram realizadas somente em língua portuguesa, até mesmo porque já existem mudanças na língua materna Terena em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Todos entrevistados aceitaram participar voluntariamente da pesquisa, sendo que os mesmos assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) após estarem cientes das finalidades do estudo. Cabe apontar que, antes mesmo de iniciar a coleta de dados, as lideranças da comunidade assinaram a Carta de Anuência autorizando a realização do estudo.

As primeiras entrevistas ocorreram em Mato Grosso, sendo a senhora Maida Reginaldo Jorge a primeira entrevistada. A segunda entrevista foi realizada no dia 22 de abril de 2015, com o ancião Antônio Jorge. Já em Mato Grosso do Sul, as entrevistas foram realizadas com duas pessoas na aldeia Córrego do Meio. Uma delas foi a senhora Maria Castro, que é anciã da comunidade com 65 anos de idade. A outra entrevistada foi uma senhora anciã, Mariza Delfino.

As perguntas realizadas aos entrevistados foram: 1) Como o povo Terena de sua comunidade utiliza o urucum na alimentação? 2) Como ocorre o preparo desse alimento? 3) Como o urucum é utilizado na medicina tradicional? 4) Para quais doenças serve essa planta? 5) Como é o preparo desse

medicamento tradicional em cada situação? 6) Como o urucum é utilizado na pintura corporal dos indígenas? 7) Qual a importância dessa planta para a cultura do povo Terena?

Outro instrumento utilizado para coletar dados, além das entrevistas, foram as observações participantes nas comunidades. No decorrer desse período de dois anos, essas observações permitiram coletar preciosos dados sobre o objeto em estudo. Essas informações também foram registradas no diário de bordo, o qual acompanhou o pesquisador durante as entrevistas, bem como nos momentos de observação.

Além das anotações, foram tiradas fotografias dos acontecimentos e produzidas algumas imagens para ilustrar as formas de utilização do urucum. Todas as informações coletadas foram organizadas e reagrupadas por assunto. A interpretação desses dados ocorreu no âmbito da descrição, o que é indicado por Angrosino [2] para a realização de pesquisas etnográficas e observacional.

Resultados e Discussões

Utilização na culinária pelos indígenas mato-grossenses

O povo Terena utiliza o urucum na alimentação como colorau, que é um pó avermelhado que serve para realçar a cor, cujo alimento fica mais avermelhado, assim como para temperar e realçar o sabor do alimento.

Para fazer o colorau, é preciso fazer a colheita do urucum quando as sementes estão ficando secas. Segundo os entrevistados, a colheita ocorre no início do período de seca, ou seja, entre abril e junho, o que confirma a previsão de Pinto [13].

Após a colheita, colocam-se as sementes em um recipiente e aguarda secar totalmente. Depois de secas, coloca-as dentro de um pilão para socar, até que se transformem em pó vermelho que é colocado dentro de um recipiente, e assim estando pronto para o consumo. Na Figura 7, é possível observar uma ilustração similar ao aspecto do colorau utilizado na culinária do povo Terena.



Figura 7: Utilização do urucum na culinária

Fonte: <<https://www.ourucum.com.br/colorau>> Acesso em: 22 fev. 2018.

De acordo com os anciãos Antônio Jorge e Maída Reginaldo, antigamente quando os Terena ainda não haviam descoberto a maneira de se fabricar o pilão ou algum outro artefato para macerar, eles cavavam um buraco no chão e então cobriam todas as sementes com o couro do animal que é bem resistente. Assim, com pedras ou pedaços de madeira, começavam a bater bem forte para triturar as sementes.

Atualmente o processo para extrair o pigmento que envolve as sementes ocorre por meio da maceração com o auxílio de pilões. O pó extraído é misturado com uma certa quantidade de farinha de mandioca que fica avermelhada.

O povo Terena de Mato Grosso utiliza somente esse processo mecânico para extrair o pigmento vermelho. Não se adiciona nenhum solvente, diferente do que fazem outros povos indígenas como os Bakairi, pesquisado por Jesus, Lopes e Costa [10], que macera com as mãos as sementes de urucum e utilizam água como solvente nesse processo.

Utilização na culinária pelos indígenas sul-mato-grossenses

Em Mato Grosso do Sul, segundo a senhora Maria de Castro, são quase todas as famílias que utilizam o colorau como tempero em sua alimentação. Contudo, ela disse que é bastante saudável e faz bem para a saúde das crianças e, ainda, segundo a senhora, é muito fácil fazer o colorau. Durante a entrevista, a senhora ensinou como se faz:

1º passo: colher urucum do pé observando bem, pois o fruto tem que estar no seu ponto certo para a colheita. O fruto tem que estar não muito maduro e também não muito seco.

2º passo: retirar todas as sementes de dentro da cápsula. A quantidade de sementes é relativo a quantidade de frutos colhidos. Todas as sementes são utilizadas e se tiver muita quantidade elas podem ser armazenadas dentro de um recipiente.

3º passo: colocar no fogo uma panela com banha ou óleo para aquecer. Em seguida, acrescentar as sementes do urucum para amolecer e facilitar a retirada do pigmento vermelho das sementes.

4º passo: colocar as sementes no pilão e jogar farinha de mandioca ou fubá de milho. Em seguida macerar levemente, tendo o cuidado de não triturar as sementes, pois é somente o que envolve a semente que interessa. Caso o interior das sementes forem triturados junto, o colorau fica amargo e dá dor de barriga. Após o pigmento se soltar das sementes e se grudar no fubá de milho ou farinha de mandioca, leve até a uma peneira para retirar o pó que será o colorau. Feito isso, já está pronto para ser adicionado aos alimentos e assim ser consumido.

Essa forma de preparo é diferente da praticada pelo povo Terena de Mato Grosso. Pode-se dizer que é bem mais trabalhosa, mas as observações a campo permitem afirmar que essa maneira rende bem mais, devido ao aquecimento em meio aquoso, que é o solvente universal.

A utilização do urucum na alimentação de alguns povos indígenas, pode ter influenciado na cultura do não indígena que utiliza constantemente o colorau como corante alimentar no preparo de seus alimentos [7].

Utilização na medicina tradicional pelos indígenas mato-grossenses

Com relação à medicina tradicional, os entrevistados em Mato Grosso relataram que o produto extraído dessa planta somente pela maceração é utilizado nas seguintes situações:

- **Manchas no rosto e no corpo das pessoas:** As manchas no rosto e no corpo das pessoas são retiradas, passando a tinta do urucum diariamente onde se localiza a mancha, deixando a pele do rosto limpa e macia. Também a tinta é utilizada como cicatrizante dos ferimentos, ou seja, a tinta faz o ferimento cicatrizar mais rápido e evita, ainda, as rugas das pessoas.

- **Remédio para emagrecer:** Esse remédio para emagrecer é feito também com a semente que é preparada da seguinte maneira: primeiro, retira-se apenas 03 (três) sementinhas de urucum e coloca em um recipiente, junta 01 litro de água e leva ao fogo para ferver. Assim que a água ferver está pronta para tomar. Essa água pode ser ingerida diariamente de manhã, com a pessoa ainda em jejum. Recomenda-se beber a água até a pessoa atingir o peso que desejar, mas atenção: só pode beber essa água, as pessoas que estão com o peso bem acima de seu ideal, porque pode emagrecer demais.

Tratamento contra ezipela: Esse remédio é feito das folhas do urucum. A Ezipela é um tipo de doença que aparece no corpo da pessoa em forma de manchas avermelhadas. A pessoa, ao contrair essa doença, estará terminantemente proibida de ter contato com a água, pois, pode prejudicar causando complicações mais graves.

Esse remédio é preparado da seguinte maneira: primeiro, retira a quantidade de 15 (quinze) folhas, ainda verdes do urucum. A seguir, coloque-as ao sol para secar. Após pegue as folhas já secas e coloque em um recipiente com a quantidade de água que você preferir. Em seguida, leve ao fogo para ferver e espere esfriar. A pessoa que tem a doença pode tomar banho com a água até que ela seja curada.

O pigmento extraído do urucum também é usado pelo indígenas mato-grossenses contra picadas de pequenos insetos, ou seja, suas substâncias apresentam propriedades repelente.

Utilização na medicina tradicional pelos indígenas sul-mato-grossenses

Segundo a senhora Mariza Delfino, além de ser utilizado em situações de manchas no rosto e corpo, em Mato Grosso do Sul os Terena descobriram que o urucum pode servir como remédio para quem tem diabetes.

A parte da planta utilizada no tratamento de diabetes é a folha, que servirá para preparar um chá. Essa bebida é preparado da seguinte maneira: retire algumas folhas do urucum e, em seguida, cozinhe-as com água. Após cozidas, deve ingerir todas os dias de manhã.

Além dessas formas de utilização supracitadas, segundo a senhora Maria de Castro, quem come desde criança o colorau feito tradicionalmente, jamais terá ou sofrerá com bronquites.

Extração do pigmento para pintura corporal

Segundo os entrevistados, o processo de extração do pigmento para pintura corporal é bastante semelhante em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Em relação à coleta do urucum, é feita no mês de abril nos dois estados, pois é quando o fruto está bom para ser coletado e já está maduro. A tinta é preparada da seguinte maneira:

1º passo: fazer a coleta do fruto ainda maduro e, logo em seguida, retirar as sementes de dentro das cápsulas, depois coloca dentro de um recipiente todas as sementes que retirar.

2º passo: logo após, pegar um pedaço de madeira para triturar ou socar as sementes até que se transformem em tinta líquida ou pastosa. Nesse ponto, ela estará pronta para fazer a pintura corporal. Feito isso, está pronto para o uso.

Cabe aqui destacar, que a tinta do urucum também é importante para proteger a pele contra o sol, ou seja, também é utilizada como protetor solar. Dependendo da ocasião e época, se os pés de urucum estiverem todos com as sementes maduras, você poderá ir diretamente ao pé, pegar uma cápsula madura e fazer as pinturas com as sementes maduras.

Conforme a literatura existente sobre o assunto, os pigmentos presentes no urucum geralmente são obtidos por processos mecânicos de raspagem das sementes e atrição ou ainda por extração com solventes [1].

Utilização na pintura corporal pelos indígenas mato-grossenses

As pinturas corporais são amplamente utilizadas em várias ocasiões, tais como: sair para um conflito com os invasores de terras indígenas, cerimônias indígenas e, principalmente, nas danças tradicionais dos Terena, e também nos casamentos e apresentações feitas em várias festividades, como já é de costume. Pessoas não indígenas convidam grupos de danças para fazer apresentações em cidades vizinhas.

A utilização da tintura de urucum pelos Terena de Mato Grosso, na pintura corporal, pode ser observada nas Figuras 8 e 9.



Figura 8: Pintura corporal com urucum
Fonte: Acervo pessoal de Ohira, L. (2014).

Essa pintura corporal é utilizada somente nas festas comemorativas como vocês podem observar na Figura 8. É uma pintura corporal masculina e foi utilizada durante a semana cultural, no ano de 2010, na aldeia *Kopenoty*, em Mato Grosso. Para a anciã Maída Reginaldo, a pintura corporal é como a identidade do índio.



Figura 9: Pintura corporal com urucum (esquerda) e sem urucum (direita)
Fonte: Acervo pessoal de Ohira, L. (2014).

Os tipos de pintura são variados, com formatos de linhas e figuras geométricas diferentes que podem ser feitos no rosto, braços, pernas, abdômen e costas. Também se pode pintar totalmente o corpo de vermelho e alguns traços de preto, pois cada pintura tem seu significado. A mais importante, por exemplo, é a pintura para ir para uma batalha, para festas, colheita e também quando morre alguém, momento em que ficam de luto. A cor da tinta vermelha do urucum significa sangue derramado por guerreiros Terena quando estão em conflitos.

Utilização na pintura corporal pelos indígenas sul-mato-grossenses

Segundo a entrevistada do Mato Grosso do Sul, a pintura corporal está sendo deixada de lado. Muitos jovens não querem saber mais de pintar com o urucum ressaltou a mulher, e disse ainda que a culpa de tudo isso vem sendo a grande influência de pessoas não indígenas nas aldeias e também o uso constante da tecnologia.

Ela disse que está atrapalhando bastante a cultura Terena de Mato Grosso do Sul, e isso é uma preocupação muito grande. A senhora também ressaltou sobre os jovens que estão assumindo a frente da comunidade, citando como exemplo, o cacique da comunidade que tem 34 anos de idade. Para fazer a comparação, vejamos as imagens de pintura corporal Terena do MT e MS.

As figuras a seguir, mostram como são as pinturas corporais dos Terena do Mato Grosso do Sul, dos homens (Figura 10) e das mulheres (Figura 11).



Figura 10: Muitos Terena de Mato Grosso do Sul se preparam para festa sem urucum
Fonte: Acervo pessoal de Campos, D. D. (2015).



Figura 11: Discreta pintura corporal feminina dos Terena de Mato Grosso do Sul
Fonte: Acervo pessoal de Campos, D. D. (2015).

Como é possível observar, a pintura com o urucum utilizada pelos indígenas sul-mato-grossenses é muito fraca e é isso que se torna muito preocupante para os anciões da aldeia do Mato Grosso do Sul, os quais estão com muito medo de que a prática da pintura corporal enfraqueça cada vez mais e que, futuramente, venha a ser deixado de lado pelas novas gerações e possa acabar essa manifestação cultural.

Como mostra, as Figuras 8 e 9, o urucum é mais forte na pintura corporal masculina nos Terena de Mato Grosso. Com base nestes dados, podemos comparar e ver que são diversas as diferenças na utilização do urucum pelos indígenas da mesma etnia, porém de estados diferentes.

Conforme defende Jesus, Lopes e Costa [10], os costumes e tradições dos povos indígenas são diferentes entre si, pois cada grupo ou etnia possui suas características e especificidades, o que os diferencia constituindo suas culturas e suas identidades.

Essa diferença de costumes entre os indígenas dos dois estados, e, de certa forma até a descaracterização da cultura primitiva, pode estar atrelada ao processo de urbanização. A cultura do não indígena atualmente é bastante presente nessas comunidades tradicionais e influencia diretamente no proceder dos indígenas. Também pode estar relacionada à miscigenação ocorrida com os Terena conforme foi anteriormente apontado [3, 12].

Considerações Finais

Este estudo permitiu identificar as muitas formas de utilização da planta urucum pelo povo Terena que são: pintura corporal, medicina tradicional, alimentação e pintura artesanal. Também foi possível estabelecer um diálogo entre os saberes culturais e científicos, uma vez que as características botânicas e

de estrutura química podem ser exploradas em sala de aula a partir desse elemento tão presente na cultura Terena que é o urucum.

Pode-se dizer que os objetivos da pesquisa foram alcançados, pois além de identificar e descrever as formas de utilização do urucum pelo povo Terena, permitiu comparar a maneira com que o urucum é utilizado pelos indígenas que moram em Mato Grosso e os que moram em Mato Grosso do Sul.

Além disso, esse estudo também permitiu aprofundar e fortalecer o conhecimento da cultura Terena em relação ao uso do urucum, pois foram reveladas muitas informações quanto ao conhecimento dessa planta por seus anciãos. Esse estudo, além de proporcionar novos conhecimentos sobre o assunto, foi um importante meio para o fortalecimento cultural, pois a socialização desses resultados registrados pode vir a auxiliar no ensinamento das futuras gerações que compreenderão a ciência e respeitarão a cultura.

Espera-se que o estudo contribua para o fortalecimento da cultura Terena, que incentive às pessoas dessa etnia para que não deixem de praticar sua cultura, seus ritos e seus costumes quanto a alimentação, a medicina tradicional e, principalmente, que não deixem de utilizar o corante dessa planta nas pinturas corporais, que são manifestações muito importantes para os povos indígenas.

Referências

- [1] ALVES, R. W. Extração de corantes de urucum por processos adsorptivos utilizando argilas comerciais e Colloidal Gas Aphrons. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Química do Centro Tecnológico da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.
- [2] ANGROSINO, M. Etnografia e observação participante. Porto Alegre: Artmed, 2009. (Coleção pesquisa qualitativa).
- [3] BITTENCOURT, C. M.; LADEIRA, M. G. A história do povo Terena. / Circe Maria Bittencourt, Maria Elisa Ladeira. Brasília: MEC, 2000.
- [4] BRASIL. Lei Nº 11.645, de 10 de março de 2008. Brasília: Diário Oficial da União, 11 de março de 2008b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm Acesso em: 20 fev. 2016.
- [5] CAMPOS, D. D. O uso do urucum pelo povo Terena. 2016. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Licenciatura em Ciências Matemáticas e da Natureza. Faculdade Intercultural Indígena. Universidade do Estado de Mato Grosso. Barra do Bugres-MT: UNEMAT, 2016.
- [6] CASTRO, C. B.; MARTINS, C. S.; FALES, I. C.; NAZARE, R. F. R.; KATO, O. H.; BENCHIMOL, R. L.; VENTURIERI, M. M. A Cultura do Urucum. 2. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2009.
- [7] COSTA, C. L.; CHAVES, M. H. Extração de pigmentos das sementes de *Bixa orellana* L.: uma alternativa para disciplinas experimentais de química orgânica. Revista Química Nova, V. 28, N. 1, 149-152, 2005.

-
- [8] FILGUEIRAS, T. S.; PEIXOTO, A. L. Flora e vegetação do Brasil na Carta de Caminha. Acta Botanica Brasílica (Impresso), Brasil, v. 16, n.3, p. 263-272, 2002.
- [9] GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. Revista de Administração de Empresas/EAESP/FGV, São Paulo, Brasil, 1995.
- [10] JESUS, Y. L.; LOPES, E. T.; COSTA, E. V. Descobrindo as Ciências na Cultura Indígena: Pinturas Corporais. Revista Curiá: Múltiplos Saberes (Online), v. 01, p. 01-06, 2015.
- [11] IBGE/FUNAI. O Brasil indígena. 2010. Disponível em: <http://indigenas.ibge.gov.br/> Acesso em: 21 fev. 2016.
- [12] ISA - Instituto Socioambiental. Povos Indígenas no Brasil: 1991-1995. São Paulo, Brasil, ISA, 1996: 871.
- [13] PINTO, A. C. Corantes Naturais e Culturas Indígenas. Apostila do Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12750724/corantes-naturais-e-culturas-indigenas-sociedade-brasileira-de-> Acesso em: 13 fev. 2016.